



Yago Romero Pinheiro Fernandes

DIVERSIDADE E CONFLITO: uma leitura sobre as transformações no movimento, na saúde e no cinema LGBT.

Rio de Janeiro

2016

Yago Romero Pinheiro Fernandes

DIVERSIDADE E CONFLITO: uma leitura sobre as transformações no Movimento, na Saúde e Cinema LGBT.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gerência em Saúde.

Orientador: Carlos Eduardo C. Batistella

Coorientador: Gregório Albuquerque

Rio de Janeiro

*Dedico esse trabalho à todas as vítimas da LGBTfobia
e demais opressões no Brasil e no Mundo. Em especial dedico
esta pesquisa às vítimas do genocídio de 2016 na Boate Pulse em Orlando – EUA*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz por ser mais que uma instituição de excelência em ensino e pesquisa, mas também por ter sido uma forte inspiradora e provocadora do meu senso crítico. Sinto-me eternamente privilegiado e agradecido por ser este um espaço raro onde se planta a esperança que só se colhe com luta.

Agradeço em lugar muito especial a minha mãe, meu pai e minha irmã que em todo e qualquer momento me mostraram que dedicação é a maior prova de amor. A estes todo o meu amor, sem eles nada seria possível alcançar.

Agradeço a honra de trabalhar com meu orientador Carlos Batistela, um homem com uma dedicação e comprometimento admirável para com a educação e a saúde pública. Eu não poderia me imaginar fazendo essa enriquecedora jornada e pesquisa com outra pessoa porque com toda certeza tivemos uma inestimável experiência de aprendizado. Agradeço também ao meu coorientador Gregório Albuquerque que, como meu professor na disciplina de artes audiovisuais, despertou-me cada vez mais interesse e questionamento a respeito do poder da sétima arte.

Agradeço a Cynthia, Raphael, José Victor e toda a equipe de profissionais do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde – Nuted que participaram ativamente do questionamento e do poder de reflexão e interação nesta pesquisa.

Agradeço aos meus queridos avaliadores desse trabalho que contribuíram e acompanharam este processo com muito carinho e cuidado.

Em especial dedico este parágrafo em agradecimento à meus grandes amigos Laura Queirós e Matheus Alves pois sem estes esta pesquisa, e a minha força para suportar todos os desafios, não seria suficiente tampouco completa. A vocês meus enormes e infinitos agradecimentos. Saibam que a diferença que vocês fizeram-me é eternamente valiosa.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à todas e todos meus amigos e amigas LGBTs, heterossexuais, cisgeneros, assexuados, etc que disseram um grande “NÃO” à LGBTfobia, ao racismo, a misoginia, a xenofobia, a tirania, ao autoritarismo, a exclusão de deficientes físicos, a desigualdade social e a alienação. Estes que encontrei na luta por uma sociedade melhor são dignos dos meus aplausos e da minha enorme admiração.

“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter
aquela velha opinião formada sobre tudo”

(Raul Seixas)

RESUMO

As concepções sobre a pluralidade sexual e a identidade de gênero sofrem transformações políticas e sociais ao longo do tempo. Tais transformações perpassam campos como o da saúde, que demandam atenção às diversas vulnerabilidades, sobretudo àquelas das pessoas Lésbicas Gays Bissexuais Travestis e Transexuais (a população atualmente identificada com a sigla LGBT). O movimento e disseminação de ideais conservadores impõem o modo heterossexual e cisgênero de se viver: a heteronormatividade. Essa concepção de vida vai de encontro com a luta pela pluralização e democratização de direitos essenciais à população LGBT, como por exemplo, os direitos referentes à sua saúde. Reconhecendo essa luta, o Ministério da Saúde Brasileiro elaborou, como desdobramento das conferências de saúde, a Política Nacional de Saúde Integral para LGBTs. Neste documento, que tem como marca “o reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão no processo saúde-doença da população LGBT” (BRASIL, 2013), uma série de objetivos e diretrizes é estabelecida visando à ampliação do acesso integral e equânime a essa população. E é no bojo destas especificidades que esta pesquisa pretende analisar a produção e circulação de sentidos e representações sociais sobre a saúde da população LGBT no cinema e suas produções enquanto arte e linguagem. Compreendendo que o cinema carrega elementos importantes na sua construção narrativa que problematizam as questões LGBTs de identidade, desejo, dificuldade, sobrevivência, aceitação, inserção social, etc., este trabalho busca realizar uma análise da expressão/presença da temática LGBT na produção cinematográfica da década de 1980 até hoje, buscando identificar tendências, gêneros e formas de abordagem. Para tanto serão selecionados 04 filmes – das respectivas décadas – considerando os filmes contemplados na premiação do OSCAR. Para além de elementos técnicos mais gerais de cada filme (tema central, gênero, som, fotografia, montagem) a análise será realizada tendo em vista a observação de um conjunto de categorias analíticas (Minayo, 1992), como construção/representação da personagem (recorrência a estereótipos, desconstrução e complexificação), forma de abordagem do problema de saúde tematizado.

Palavras-chave: LGBT, Saúde LGBT, Cinema LGBT,

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Gravura "Gender Bread"	13
Figura 2 – Fotografias da Revolta de Stonewall	19
Figura 3 – Fotografia parada do orgulho LGBT	21
Figura 4 – Fotografia da manchete do jornal Notícias Populares de 12 de Junho de 1983	23
Figura 5 – Capa do filme Philadelphia (1993)	28
Figura 6 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	29
Figura 7 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	30
Figura 8 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	31
Figura 9 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	32
Figura 10 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	33
Figura 11 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	33
Figura 12 – Sequência de frames do filme "Philadélphia" (1993)	34
Figura 13 – Capa do filme "Boys don't cry" (1999)	35
Figura 14 – Sequência de frames do filme "Boys don't cry" (1999)	36
Figura 15 – Sequência de frames do filme "Boys don't cry" (1999)	36
Figura 16 – Sequência de frames do filme "Boys don't cry" (1999)	37
Figura 17 – Capa do filme "Milk" (2008)	40
Figura 18 – Sequência de frames do filme "Milk" (2008)	41
Figura 19 – Sequência de frames do filme "Milk" (2008)	42
Figura 20 – Sequência de frames do filme "Milk" (2008)	43
Figura 21 – Sequência de frames do filme "Milk" (2008)	44
Figura 22 – Sequência de frames do filme "Milk" (2008)	44
Figura 23 – Infográfico 1: Infográfico sobre o casamento gay	46
Figura 24 – Gráfico 1: Relatório de Assassinatos LGBTfobicos Causa Mortis de 2014 do Grupo Gay da Bahia.	48
Figura 25 – Gráfico 2: Identidade de vítimas por homofobia	49
Figura 26 – Infográfico 2: Infográfico assassinato de transexuais (TMM)	50
Figura 27 – Capa do filme "The danish girl" (2015)	51
Figura 28 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	52
Figura 29 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	53
Figura 30 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	53
Figura 31 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	53
Figura 32 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	54
Figura 33 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	54
Figura 34 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	55
Figura 35 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	55
Figura 36 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	56
Figura 37 – Sequência de frames do filme "The danish girl" (2015)	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	16
3 METODOLOGIA	17
4 CAPÍTULO 1	
4.1 DÉCADA DE 1980: DA INVISIBILIDADE À ASCENSÃO DO MOVIMENTO E REPRESENTATIVIDADE	19
5 CAPÍTULO 2	
5.1 DÉCADA DE 1990: ENFRENTAMENTOS E VITÓRIAS	26
5.2 ANÁLISE FÍLMICA “ <i>PHILADÉLPHIA</i> ” (1993)	28
5.3 ANÁLISE FÍLMICA “BOYS DON’T CRY” (1999)	35
6 CAPÍTULO 3	
6.1 DÉCADA DE 2000: A QUEBRA DO TABU	38
6.2 ANÁLISE FÍLMICA: “ <i>MILK</i> ” (2008)	40
7 CAPÍTULO 4	
7.1 DÉCADA DE 2010: PROGRESSOS E PAUTAS	46
7.2 ANÁLISE FÍLMICA: “ <i>THE DANISH GIRL</i> ” (2015)	51
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1. INTRODUÇÃO

As transformações sociais propõe um choque geracional e ideológico nas maneiras de viver e observar a humanidade ao longo do tempo, e em suas características, as expressões de gênero e sexualidade.

Entre os gregos antigos – em torno do século V a.C. – as relações homoeróticas entre homens eram socialmente bem vistas desde que dentro da concepção pedagógica, política e hierárquica da paiderastia¹ (BARBO, 2015). A concepção de sexualidade era concebida em outra luz, sob a ótica de uma relação de poder e soberania do prazer e do poder político dos homens. “Isto explica porque a cultura grega, diferentemente da ocidental moderna, não concebia noções de orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual) como identificadores sociais.” (BARBO, 2015).

Já mundo ocidental moderno as concepções de sexualidade e dos comportamentos socialmente esperados – e construídos – do masculino e do feminino geraram perseguições históricas. Segundo Verônica Santos algumas partes da bíblia católica condenam às relações homossexuais:

No livro bíblico do Levítico, a homossexualidade foi descrita como uma “união abominável”. E segundo o apóstolo Paulo, seus praticantes estavam excluídos do Reino de Deus. Vista pela Igreja medieval como o mais torpe dos pecados da carne, foi associada à luxúria e à animalidade, que descaracterizavam o homem como ser racional. Os resquícios desta mentalidade cruzaram séculos. No Portugal moderno, no século XV, a relação entre pessoas do mesmo sexo foi chamada de “mau pecado”, de sodomia ou “pecado nefando” – ou seja, algo do qual não se deveria falar [...] (GOMES, 2015, p. 12)

Essa visão católica se difundiu pelo mundo através do crescimento econômico, dos períodos de navegação, colonização das Américas e África. Tal visão edificou pilares conservadores que constituem até hoje uma leitura de mundo normativa e regrada. Segundo o Filósofo Michel Foucault a marginalização da homossexualidade segue a lógica de dominação através da culpa e de um regime de controle pela moral.

A desqualificação das relações entre indivíduos do mesmo sexo: o cristianismo as teria excluído rigorosamente, ao passo que a Grécia as teria exaltado — e Roma, aceito — pelo menos entre homens. A esses três pontos de oposição maior, poder-se-ia acrescentar

¹ Pederastia é a relação da pedagogia cidadã grega que envolvia ato sexual e entre os dois homens em questão: o aprendiz e seu mestre. O cidadão instruído e respeitado deve dominar a posição de “ativo” enquanto o jovem aprendiz rumo à cidadania grega deve ser o “passivo”.

o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade. (FOUCAULT, 1984, p.17)

A ideia de uma “cura” dos problemas decorrentes da inadequação de gênero e sexualidade aos padrões da Igreja também é difundida. Entendendo assim Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgeneros como pecadores e desviantes do caminho da saúde e felicidade. O que é definido, por exemplo, na leitura das Igrejas neopentecostais que defendem, segundo (NEVES 1984 apud NATIVIDADE,2006, p.122):

[...] o que seria passível de cura estaria situado em um conjunto muito amplo de fenômenos, que abarcam desde problemas orgânicos até desavenças familiares, desemprego, vícios de qualquer ordem, assim como os possíveis desvios na esfera da sexualidade (adulterio, homossexualismo etc.). Nesse sentido, a cura de uma doença, a obtenção de um trabalho e a organização da vida familiar – tudo o que diz respeito à ordem idealizada na perspectiva doutrinária – são signos da condição de escolhido de Deus e protegido pelo Espírito Santo.

Todavia com o passar do tempo o catolicismo e demais religiões de dogmas conservadores não são os únicos aparatos de repressão aos modos de vida não heteronormativos. Muitas nações, ditaduras (de diferentes ideologias) e países constituídos com estes pilares conservadores, perseguiram e criminalizaram Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTs). A adoção de um regime rígido e persecuidor a essa população de LGBTs são exemplificados por Jéssica Milaré, colunista do blog “Esquerda Online”:

Na década de 1960, houve uma intensificação da repressão às LGBTs no mundo todo. Seja nos EUA, no Reino Unido ou no Brasil, ser LGBT significava correr o risco de ser espancada e estuprada pela própria polícia para depois ser condenada à prisão ou à castração química. No Brasil, LGBTs eram presas por ofender “a moral e os bons costumes”. Na União Soviética e em Cuba, LGBTs recebiam escracho público, eram espancadas e estupradas pela polícia e levadas a campos de trabalho escravo, onde o tratamento era desumano.

Na União Soviética, de 1961 a 1969, em média 796 pessoas foram condenadas por “sodomia” por ano. Em 1970, esse número saltou para 1223 condenações e manteve a média de 1250 condenações até 1981. O salto em 1970 não é à toa: a Revolta de Stonewall, em junho de 1969, deu origem a Paradas LGBTs em todo o mundo, derrubando as leis repressivas e a patologização da homossexualidade. (MILARÉ, 2016)

A Revolução Stonewall² foi de fato uma grande revolução cultural na construção do movimento homossexual moderno. Este movimento, futuramente conhecido como “Movimento LGBT”, luta pela pauta especificidades e necessidades da população de LGBTs ao longo dos anos.) “De modo geral, a demanda dos movimentos organizados LGBT envolve reivindicações das áreas dos direitos civis, políticos, sociais e humanos [...]” (BRASIL, 2013)

O movimento, inicialmente constituído mais expressivamente por homens homossexuais passa então a unir forças com outras populações também marginalizadas pelo modelo heteronormativo. “A expansão dessas ideias vai se configurando no denominado movimento LGBT, cujas reflexões práticas ativistas têm promovido importantes mudanças nos valores da sociedade brasileira [e mundial].” (BRASIL. 2013 [grifo nosso]).

Segundo (FACCHINI, 2009) “nos últimos anos, assistimos a um crescimento do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) e da visibilidade das questões que envolvem a temática das homossexualidades e das multiplicidades das expressões de gênero no Brasil.” Entretanto para entendermos tal multiplicidade expressões de gênero e sexualidade³ o esquema abaixo (extraído do site <http://itspronouncedmetrosexual.com>) ilustra algumas diferenciações importantes para a compreensão das dimensões subjetivas e biológicas de LGBTs, como por exemplo, as diferenças entre identidade de gênero e sexualidade:

² O marco histórico conhecido como Revolução de Stonewall será explicado no capítulo dedicado à década de 1980

³ A sigla LGBT comporta diversas lutas de identidade sexual e de gênero, porém esta pesquisa se destacará ao uso desta em virtude da literatura científica e da própria identidade do movimento e da linguagem artística a este segmento social.

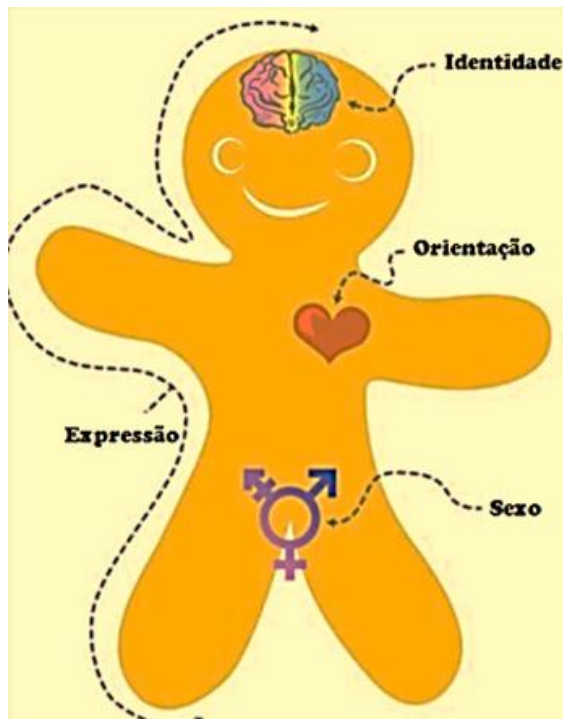


Ilustração 1: *Gender Bread* [Tradução nossa] Disponível em: <http://itspronouncedmetrosexual.com>

Acesso em 05/12/2016

A identidade de gênero dentro da sigla LGBT consiste em:

1. Cisgênero: Homens e mulheres que seguem a vida em conformidade com o gênero em que nasceram; homens e mulheres independentemente de sua orientação sexual;
2. Transexuais: Homens e mulheres (ou outras configurações) que se identificam em um gênero diferente daquele que nasceram, portanto necessitam de técnicas de redesignação e ressignificação ao gênero de sua identidade;

O campo da sexualidade, dentro da sigla LGBT consiste em:

1. Lésbicas: Mulheres que assumem esta denominação são mulheres que se relacionam de forma sexual e/ou afetiva com outras mulheres;
2. Gays: Homens que assumem esta denominação se relacionam de forma sexual e/ou afetiva com outros homens;
3. Bissexuais: Mulheres e homens que assumem esta denominação relacionam-se sexual e/ou afetivamente tanto com o mesmo sexo como com o sexo oposto.

Segundo a renomada filósofa estadunidense Judith Butler que dedicou diversos estudos ao gênero e a sexualidade e as construções histórico-sociais a cerca desta questão, em seu importante estudo “Desdiagnosticando o Gênero”, afirma que a presunção da sexualidade através do gênero ou da identidade de gênero (e vice versa) configura um grande erro, De acordo com (BUTLER, 2009): “[...] as correlações entre identidade de gênero e orientação sexual são, na melhor das hipóteses, turvas: não se pode prever, com base no gênero de uma pessoa, qual identidade de gênero ela terá e qual ou quais direções do desejo essa pessoa, ao final, levará em consideração e seguirá.”.

Como dito anteriormente a construção histórica a cerca desta temática gerou um mal na sociedade atualmente denominado LGBTfobia que ocorre em virtude persistência do preconceito e do ódio à parcela social composta por lésbicas, gays, bissexuais, transgeneros/travestis/transsexuais (Compondo-se assim a sigla LGBT).

Para a leitura que de fato esta pesquisa se propõe a fazer, o Brasil é um importante país para a análise dos avanços das políticas públicas para LGBTs por ter um exemplar reconhecimento das demandas específicas desse grupo, por exemplo, na década de 1980 adotando estratégias do enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS em parceria com a parceria dos movimentos sociais LGBT (Brasil, 2013) e também a condição de primeiro país do mundo a realizar uma conferência como a Conferência Nacional GLBT realizada em 2008 em Brasília (FACCHINI, 2009) o credencia para isso.

É a partir dessa efervescência política entre o conservadorismo e a necessidade de atenção às causas LGBTs que esta pesquisa visualiza o cinema como uma importante ferramenta de difusão de debates e significados.

Os filmes são capazes de abrigar questões e problematizá-las, não necessariamente com o objetivo de responder aos dilemas sociais ou resolve-los, mas sim pauta-los em narrativas dos mais diversos gêneros e abordagens. Com as provocações narrativas dos filmes é possível ampliar sensibilidade e reflexão sobre diversos temas. O cinema carrega, em sua capacidade argumentativa, elementos importantes em produções que corroboram as questões LGBTs.

Os festivais de cinema de temática LGBT são exemplos que materializam a importância da simbologia dessas questões no universo cinematográfico. De acordo com a análise de Karla Bessa, em geral, os festivais dessa natureza priorizam películas sensíveis a questões como AIDS,

discriminação, solidão e desafios e dificuldades de se "assumir" uma identidade gay, bem como reserva parte do repertório de exibição para filmes com forte conteúdo erótico (BESSA, 2007).

As dificuldades de autoafirmação, inserção social e experimentação livre da sexualidade e gênero são importantes critérios para perceber a presença narrativa dessas características em algumas produções, mas principalmente numa tentativa de mapeamento sobre critérios que podem configurar ou desconstruir paradigmas e tabus sobre o universo LGBT. Universo este constituído por um conjunto de fatores culturais e políticos investigados nesta pesquisa.

Segundo (Bessa, (2007) “A indústria cinematográfica muitas das vezes constrói uma estética sobre o homossexual que configura vícios na representação dos mesmos” como o dilema de algumas reflexões acerca do universo LGBT que pontuam a polarização da discussão na homossexualidade masculina caricata e a hipersexualização da homossexualidade feminina. (BESSA, 2007).

Esta pesquisa foca sua análise em como as imagens difundidas pelo cinema somadas ao discurso ideológico das produções interferem no universo da construção de sentidos sobre a homo, bi e trans sexualidades e os agravos sociais complexos que configuram a vulnerabilidade e necessidade específicas no campo da saúde desse grupo.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral: Discutir a representação da saúde LGBT na produção cinematográfica a partir de 04 filmes selecionados, buscando identificar tendências e formas de abordagem.

Objetivos específicos:

1. Identificar as principais concepções relativas à diversidade sexual e de gênero na sociedade;
2. Compreender como se constituem e configuram as lutas comuns do grupo LGBT;
3. Compreender como está organizada a política de saúde no Brasil em sua relação com as demandas do movimento LGBT;
4. Compreender o cinema, enquanto arte e linguagem, como difusor de sentidos e representações na sociedade;
5. Estabelecer uma leitura transversal das políticas de saúde para a população LGBT e da produção cinematográfica com temática LGBT, procurando observar as mudanças, paralelismos e contrapontos através da análise interna e externa das 04 produções fílmicas analisadas (PENAFRIA, 2009).

3. METODOLOGIA

O projeto está baseado na abordagem qualitativa com análise documental. O estudo buscará recuperar a história de lutas e de afirmação da identidade LGBT bem como das formas como suas demandas passam a ser percebidas e incorporadas às políticas de saúde. Usará como estratégias de pesquisa a revisão da literatura e busca de artigos nas bases de dados Lilacs e Scielo, tendo como referência os descritores Homossexualidade, Gay, Lésbica, Bissexual, Transgenero, Travesti, Transexual, LGBT, Saúde LGBT, Cinema LGBT, Cinema Queer, Análise Filmica.

Como material de consulta também serão utilizados documentos como: Relatórios de órgãos governamentais e não governamentais, leis e políticas de equidade específicas do campo da saúde.

De acordo com a proposta de investigar o cinema como difusor de discurso e narrativa importante na sociedade, este trabalho irá incorporar o produto filmico enquanto documento. A partir de um mapeamento, a saúde LGBT no cinema será de importante consideração na análise filmica das produções auxiliando na construção da pesquisa, seguindo as seguintes etapas:

O recorte temporal – décadas de 1980 a 2010 – foi definido em virtude de ser este um período significativo na ascensão e do movimento social LGBT e na visibilidade das questões de saúde dessa população;

Definição de critérios para seleção dos filmes:

É notório que o crescimento dos festivais, inclusive com premiações específicas, nas temáticas LGBT é uma evidência que caracteriza a presença de questões de gênero e sexualidade no universo cinematográfico. Entretanto por não estarem tais filmes inseridos em um perfil de grande divulgação, como os de Hollywood, esta pesquisa lançará mão de utilizar filmes no universo de ampla divulgação mundial.

Compreendendo os filmes concorrentes e/ou ganhadores do OSCAR como produções que ganham amplitude na sua circulação, serão selecionados filmes que nesse âmbito apresentam a temática LGBT e, mais especificamente, que representam e constroem percepções sobre os determinantes e condicionantes à saúde de LGBTs. Serão consideradas a época narrada nas produções e o seu contexto temporal de produção e lançamento;

Os filmes foram analisados no seu contexto geral e serão evidenciados trechos⁴ e elementos significativos seguindo a metodologia de análise filmica apresentados por Penafria. Entendendo que a análise de um filme pode ser considerada um trabalho interminável, esta pesquisa utilizará uma análise objetivada em compreender pontos que evidenciem as estratégias da construção narrativa como cenas/frames, roteiros/diálogos, montagem/edição, trilha sonora, etc (PENAFRIA, 2009) Esta análise tem como objetivo estabelecer diálogos entre as questões LGBT e a produção cinematográfica.

A seleção dos filmes responde aos seguintes critérios metodológicos: 1 - Ser um filme no circuito da indústria de Hollywood; 2 - Ter a nítida presença de questões de saúde de LGBTs, 3- Ser premiado ou nomeado em alguma categoria do Academy Awards (Oscar). No Site *International Movie DataBase* (IMDB) é possível encontrar um banco de dados rico em informações sobre filmes de todo o mundo. É possível inclusive encontrar os filmes por temática e também uma listagem de premiações onde constam entre nomeações e vitórias, inclusive, nas premiações do Oscar.

Os títulos⁵ selecionados para a análise são *Philadélfia* (1993), *Boys Don't Cry* (1999), *Milk* (2006), *The Danish Girl* (2016).

⁴ Entende-se que um trecho, dentro da discussão do campo do cinema, trata-se de um recorte sequencial de argumento que não necessariamente segue a divisão por cenas. O trecho é evidenciado em decorrência de ser um fragmento significativo, podendo ser maior ou até mesmo menor que a cena inteira.

⁵ Os filmes selecionados foram divulgados no Brasil também com os seguintes títulos: *Filadélfia* (1993); *Garotos não choram* (1999); *Milk: a voz da igualdade* (2008); *A garota dinamarquesa* (2015).

4. CAPITULO 1

4.1 Década de 1980: da invisibilidade à ascensão do movimento e representatividade

“Sem esperança esses "nós" desistem. Eu sei que não se pode viver
“só” de esperança, mas sem esperança não vale a pena viver”
Harvey Milk

Em uma análise conjuntural sob a perspectiva política da década de 1980, esta é conhecida como uma década ganha (próspera) mesmo que com suas nuances e dificuldades econômicas em especial para os países da América Latina. Um momento oportuno e peculiar para a ascensão dos movimentos sociais. (MARANGONI, 2012) Analisando em especial o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT⁶) é importante salientar, episódios e marcos de épocas anteriores.

Um desses episódios consiste no disparador da fundação de um moderno movimento homossexual, nos ano de 1969, quando em Nova York, no Bar *Stonewall*, gays e travestis enfrentaram a violência policial (MOTT, 2015).



Fotos capturadas no dia 28 de Junho de 1969 no Greenwich Village – NY – EUA

Acesso em 08 de Agosto de 2016

⁶ A sigla LGBT consiste em uma composição de iniciais de palavras usadas para definir expressões de sexualidades e identidades que são marginalizadas. Ao longo do tempo, a sigla sofreu diversas variações e atualmente representa não só Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, mas também outras sexualidades e identidades componentes da luta e movimento em elipse na sigla. Outras composições também são possíveis como LGBTQ+ ou LGBTQIA+ entre outras que adicionam a identidade *queer*, a assexualidade, a Intersexualidade etc.

Este marco trás consigo um legado de resistência e a partir desta data, “[...] 28 de junho passou a ser comemorado mundialmente como o “dia do orgulho gay”, hoje internacionalmente conhecido como Movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais)” (MOTT, 2015, p. 41).

A mobilização das massas e as lutas engajadas do movimento neste período ainda conhecido como “movimento gay” - constroem-se em um marco temporal bem delineado. Segundo (FERRARI, 2004, p.107):

O movimento gay começou a se organizar entre o final da década de 1970 e o início dos anos de 1980 [...] Os movimentos nesta época, articulavam-se pela defesa da visibilidade, pela construção de novas formas de conhecimento, de cidadania plena e pela luta por direitos civis.”.

Tal defesa por visibilidade permitiria, na visão do movimento, transgredir os limites e marginalizações sobre as manifestações sexuais, e até mesmo, de toda a construção de sua identidade. Segundo:

Portanto, se a ideia era pensar a organização do mundo e como esse grupo estava sendo explicado e se explicava a partir disso, isso significava pensar a política das identidades, não somente as identidades homossexuais, mas todas as identidades que dizem respeito e se relacionam com ela, seja as identidades de gênero ou aquelas vinculadas à orientação sexual. (FERRARI, 2004, p. 107)

Trabalhar, então, na construção da visibilidade dos modos de vida marginalizados requer então que o movimento construa sua militância lançando mão de estratégias cada vez mais criativas ao longo dos anos. Um dos atos de maior criatividade é a famosa “Parada Gay” atualmente renomeada de “Parada do Orgulho LGBT”:

Nos primeiros atos públicos dessa natureza, o objetivo manifesto era reviver o sofrimento dos que participaram e perderam suas vidas durante os confrontos de Stonewall (1969), mas, aos poucos, a irreverência passou a agregar uma atitude propositiva, quando, em 1979, já com as ruas anualmente ocupadas, São Francisco celebrava os 10 anos de Stonewall com o slogan: “Um exército de amantes não pode falhar” Pela foto é possível notar a presença das bandeiras de arco-íris, ainda hoje utilizadas, e, embora não estivesse lotada, a avenida fora literalmente tomada por ativistas e simpatizantes da causa gay.



(BESSA, 2007, p.264)

O reconhecimento da identidade LGBT, no entanto, encontrava barreiras nas formas como a ciência enxergava este modo de vida. As ideias de patologização e de cura foram, majoritariamente, os esforços iniciais das ciências como as da área da saúde. O objetivo principal era de tratar os sujeitos que não seguissem à ⁷heteronormatividade como doentes (especialmente a homossexualidade e transexualidade). No período entre as décadas de 1970 e 1980 a comunidade científica internacional investigava a homossexualidade na tentativa de explicá-la biologicamente. Por muito tempo a homossexualidade esteve classificada como doença e/ou desvio sexual pelo Código Internacional de Doenças - CID, documento elaborado pela Organização Mundial da Saúde – OMS:

O homossexualismo passou a existir na CID a partir da 6ª Revisão (1948), na Categoria 320 Personalidade Patológica, como um dos termos de inclusão da subcategoria 320.6 Desvio Sexual. Manteve-se assim a 7ª Revisão (1955), e na 8ª Revisão (1965) o homossexualismo saiu da categoria "Personalidade Patológica" ficou na categoria "Desvio e Transtornos Sexuais" (código 302), sendo que a subcategoria específica passou a 302.0 - Homossexualismo. A 9ª Revisão (1975), atualmente em vigor, manteve o homossexualismo na mesma categoria e subcategoria, porém, já levando em conta opiniões divergentes de escolas psiquiátricas, colocou sob o código a seguinte orientação "Codifique a homossexualidade aqui seja ou não a mesma considerada transtorno mental"(LAURENTI, 1984, p):

⁷“Heteronormatividade” é o conceito utilizado para definir a perspectiva de múltiplas sociedades que entendem a heterossexualidade como único exercício válido para a sexualidade, ou seja, define a heterossexualidade como regra.

Laurenti também questiona as pautas do movimento LGBT que demandavam a exclusão do CID 302.0 e também das organizações renomadas de psiquiatria, sendo esta uma evidência de que o movimento em si já identificava aspectos relacionados à saúde e o reconhecimento do seu modo de vida como objetivos a serem alcançados. Laurenti não via força nas pressões do movimento e como cientista defendia uma visão defensora da patologização.

No campo da saúde, a década de 1980 porta um grande marco histórico nos enfrentamentos da saúde mundial: epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) mais conhecida pela sua sigla oriunda da definição em inglês (AIDS). Em virtude da epidemia da doença na década de 1980, os modos de vida não heteronormativos tornaram-se um preocupação epidemiológica. Modos de vida que sofreram sendo estigmatizados pela sociedade, os homossexuais (principalmente os homens - HSH⁸).

O pouco conhecimento científico que até então se tinha sobre a epidemia, somado aos tabus e estigmas, resultaram na noção equivocada de que apenas gays eram os únicos suscetíveis a se contaminar. Discurso esse que foi difundido principalmente por setores culturalmente influentes como a religião, a mídia, a medicina (mais conservadora e ainda incipiente de informação sobre a doença) etc.

Os ideais conservadores de sociedade, que condenam a vida homossexual, veem neste episódio um momento crucial de definição das consequências da vida que consideram inadequada. Os homossexuais e sujeitos, definidos como “promíscuos”, foram categorizados como pertencentes a um “Grupo de Risco” reforçando a imagem negativa e apocalíptica sobre os modos de vida não heterossexuais.

O estigma social e os esforços da saúde mundial para compreenderem a causa da epidemia da AIDS fizeram também emergir uma nova dimensão política com o surgimento de uma nova militância homossexual. (VERAS; PEDRO, 2015).

⁸ HSH – Nomenclatura utilizada pela linguagem técnica médica para definir homens que têm relações sexuais com outros homens declarando-se ou não como sujeitos de identidade homossexual.



Imagem 3: Manchete do jornal Notícias Populares de 12 de Junho de 1983(São Paulo – Brasil)

Ainda segundo (VERAS; PEDRO, 2015) “A AIDS invadia o cotidiano dos brasileiros e afetava particularmente a vida dos homossexuais masculinos, que eram responsabilizados pela disseminação do HIV.”. Com isso o preconceito e o tabu provocavam a militância combativa e a mobilização de grupos, ONGs e movimentos sociais a favor dos direitos homossexuais visando o seu protagonismo nas campanhas de prevenção e planejamento de políticas públicas para a ampliação de acesso a saúde e cidadania. Exemplo desses é o “Grupo Gay da Bahia (GGB)” e o “Grupo Somos” de São Paulo. (VERAS; PEDRO, 2015)

Anda no campo da saúde: Para olhar de forma apurada e apropriada para a saúde da população LGBT lançar-se-á mão do conceito de saúde a partir da conferência de ⁹Alma Ata que produziu o consenso que a saúde não é só a ausência de doenças, mas sim que é resultado de uma complexa relação entre determinante e condicionante em saúde nos quais a atenção primária deve focar seus esforços para que a sociedade tenha qualidade de vida e seja economicamente ativa. (EPSJV - FIOCRUZ, 2016). Este conceito de saúde está diretamente ligado com os princípios do Sistema Único de Saúde da República Federativa do Brasil que será a referência desta pesquisa devido aos avanços tanto na cobertura e acesso à saúde como em seu modelo que reconhecido mundialmente aprimorado no que tange às especificidades em saúde das populações do povo brasileiro.

A discussão das políticas públicas de saúde também na década de 1980, nos períodos iniciais da redemocratização brasileira, consolidou diversos movimentos sociais cujas

⁹ Segundo (MENDES, 2004, p. 447): “Em setembro de 1978 foi realizada a primeira Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, organizada pela OMS e UNICEF em Alma-Ata, capital do Kazaquistão. A Conferência foi assistida por mais de 700 participantes e resultou na adoção de uma Declaração que reafirmou o significado da saúde como um direito humano fundamental e uma das mais importantes metas sociais mundiais”.

reivindicações buscavam chamar a atenção da sociedade sobre suas pautas e especificidades históricas. Um marco deste período foi a 8ª Conferência de Saúde que buscava romper com o modelo excludente que cobria apenas aos trabalhadores de carteira assinada – INAMPS – e edificar um sistema universal que garantia acesso a todos o – SUS – constituído pelos princípios da equidade, integralidade e universalidade. (PAIVA; TEIXEIRA, 2014)

As pressões sociais e econômicas da época impulsionaram a visibilidade e protagonismo da sociedade segmentada (mulheres, negros, LGBTs, etc.) a partir dos próprios movimentos sociais organizados, o que é analisado em (FARAH, 2004 apud. FACCHINI, 2009, p.135):

Numa retrospectiva acerca de gênero e políticas públicas, Marta Farah delinea um processo no qual a redemocratização do Estado brasileiro – que envolveu a democratização de processos decisórios e a inclusão de novos segmentos populacionais como beneficiários de políticas públicas – coincide com o fortalecimento dos movimentos de mulheres e feministas. Sob uma tensão permanente entre o vetor “eficiência” – relacionado a pressões do Banco Mundial – e o vetor “democratização dos processos decisórios e do acesso a serviços públicos”, surgem a partir do início dos anos 1980 as primeiras políticas focalizadas para mulheres e aprofunda-se um processo de participação do movimento social no processo de formulação, implementação e controle de políticas públicas.

É possível associar a luta contra o preconceito aos homossexuais com o fortalecimento das demandas democráticas da sociedade. No campo da saúde, inspirado pela conferência de Alma Ata, o movimento sanitário articulava-se na defesa da construção de um sistema único de saúde na VII CNS. A força desse movimento permitiu a conquista da saúde como um direito de todos na Constituição de 1988.

No que diz respeito à população LGBT o cinema é um constructo cultural que se constitui como espaço de reflexão, filosofia, socialização e entretenimento para esta população e os filmes funcionam como janelas para a própria subjetividade da vivência de LGBTs (BESSA, 2007).

De acordo com Stevan Lekitsch, autor que construiu o importante livro “Cine Arco Íris” que cataloga e contextualiza a significativa presença da temática LGBT na história do cinema comercial, o universo do cinema LGBT não é sugerido ou secundário. “[...] as cenas são mais ousadas, explícitas e fortes.” (Lekitsch, 2011, p. 94). O perfil do personagem não é mais secundário e triste, mas sim feliz bonito e amado. Na Europa o espanhol Pedro Almodóvar traz filmes preciosos. No Brasil: Nelson Rodrigues se destaca. A presença de transexuais e travestidos assunto um pouco evitado, é forte nessa década. (Lekitsch, 2011).

A academia americana não premiou filmes que sigam completamente a metodologia de seleção desta pesquisa. Portanto é importante considerar que nenhum dos filmes selecionados para a análise fílmica desta pesquisa foi lançado no ano de 1980. O drama da AIDS assolou até mesmo as produtoras de filmes e os espectadores do cinema hollywoodano, que por conta dos tabus e paradigmas a respeito da doença. Desse modo ignorar a temática da AIDS pareceu o melhor remédio para a indústria fílmica.

Entretanto o filme “O Beijo da Mulher Aranha” (1985), uma produção brasileira-estadunidense, obteve quatro indicações e foi o vencedor do Oscar de melhor ator para William Hurt que interpretou um homossexual transformista (Lekitsh, 2011) . Outro título importante é “*The color purple* (1985)” que conta com um cena de beijo entre duas mulheres. Este título concorreu em onze categorias do Oscar porém não venceu nenhuma (Lekitsh, 2011).

Para suprir esta lacuna quantitativa foram selecionados dois filmes da década de 1990 que serão analisados no capítulo da respectiva década segundo contexto da representação e da saúde que é concretamente o objetivo desta pesquisa.

5. CAPÍTULO 2

5.2 Década de 1990: enfrentamentos e vitórias

“O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs não tem nenhum rock 'n' roll [...] “.
Cazuza

Os anos 1990 obtiveram exitosos avanços na representatividade de LGBTs conquistadas, acima de tudo, pelas lutas do movimento social e suas pautas. A política, a arte e a saúde são exemplos que transgrediram os limites, paradigmas e estereótipos do modo de vida não heteronormativo.

Entretanto no início da década ainda acreditava-se que as sociedades científicas dificilmente abririam mão das concepções que patologizam a homossexualidade. Segundo (LAURENTI, 1984, p.345):

[...] É preciso ficar bem claro que continuará existindo um código para homossexualismo na CID [...] para classificar causas de morte, diagnósticos de internação hospitalar e motivos de consulta mesmo que contra isso continuem os movimentos, pressões e apoios. Somente deixará de existir quando não houver mais em nenhum lugar do mundo consultas motivadas pelo fato de ser homossexual.

De acordo com (Butler, 2008) a patologização da homossexualidade foi declinada em representativas organizações, associações e resoluções da saúde – como o caso do CID – entretanto a transexualidade continua a ser majoritariamente como diagnosticável o que tem sido a possibilidade para o exercício da autonomia de vivência do gênero. A autora ainda defende (Butler, 2008 “Não vejo muitas pessoas escrevendo sobre isso, a não ser na Direita Cristã, cuja resposta ao TIG é abraçá-la de coração aberto, dizendo: “Não tire de mim esse diagnóstico! Por favor, patologize-me!”). Certamente, há muitos psiquiatras e psicólogos que insistem que o transtorno de identidade de gênero é uma patologia [...]”. Observa-se também que a conquista do acesso ao processo transexualizador submete-se à leitura heteronormativa, que ainda segundo a ciência atual, diagnostica os homens e as mulheres transexuais para o processo médico e terapêutico necessário para a redesignação sexual.

Mas no geral a saúde no âmbito global vive um novo momento, em especial no Brasil: A lei 8.080, conhecida como Lei Orgânica da Saúde, reconhece um conceito ampliado de saúde

(definido em Alma Ata) como objetivo das políticas públicas de acesso, atenção e assistência à população. A Lei 8080 institui o Sistema Único de Saúde - SUS:

A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do País. (BRASIL, “L8080/90”)

Nesse período o cinema vive um novo momento na temática LGBT. “Mais de 150 filmes em 10 anos. E não somente no cinema americano.” (Lekitsch, 2011) A linguagem e filmografia tornam o personagem, majoritariamente homossexual masculino, o protagonista de dramas, paixões, romances e comédias ainda que o desafio da década seja o de desconstruir a usual visão escarniosa e cômica das identidades não heteronormativas.

A indústria cinematográfica reavalia conceitos já obsoletos acerca da temática LGBT. A cinematografia reconhece e legitima que as produções que respeitam e pautam o personagem LGBT são os filmes mais procurados principalmente pela audiência de LGBTs. “O preconceito dos espectadores vai diminuindo. E o dos atores também. Cai a preocupação de que fazer papéis gays “suja” o currículo e o mundo se surpreende com nomes famosos em papéis de protagonistas Gays, Lésbicas e Transexuais.”. (Lekitsch, 2011)

Essa busca pela audiência do público LGBT em muito se dá pela ascensão e difusão dos festivais LGBT no circuito alternativo “Os festivais de cinema LGBT são exemplos que materializam a importância da simbologia dessas questões no universo cinematográfico” (BESSA, 2007). Entretanto os avanços de estética, linguagem são gradativos. De acordo com (SILVEIRA, 2011):

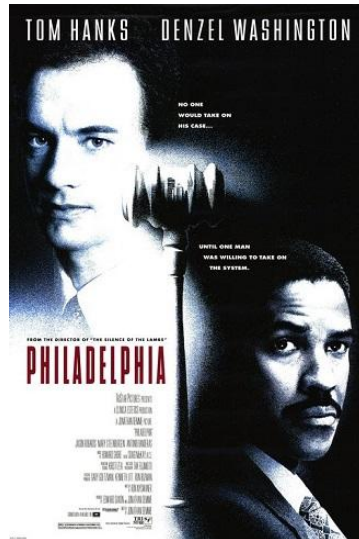
Mas se a primeira metade da década de 90 ainda não tinha observado mudanças sensíveis no tratamento do personagem homossexual, ela ao menos permitiu intensificar o volume desses personagens, principalmente o feminino, observado com destaque em "Thelma e Louise" (1991), de Ridley Scott, e em "Tomates Verdes Fritos" (1991), de Jon Avnet, ambos com finais trágicos.

E com isso o cinema cada vez mais se configura como um importante espaço promotor de reconhecimento e legitimidade ao modo de vida de LGBTs. De acordo com Karla Bessa os festivais de cinema LGBT tem um compromisso político com uma estética mais livre que os

filmes comerciais, a exemplo o circuito Hollywoodiano, possibilitando assim uma abordagem direta da homossexualidade sem passar pelos subterfúgios clássicos da indústria cinematográfica (BESSA, 2007).

Entretanto Hollywood lançará mão destes subterfúgios justamente para criar uma nova estética sobre a homossexualidade, causando assim um choque no público da indústria americana e nas grandes produtoras de filmes. O filme *Philadelphia* (1993) dirigido por Jonathan Demme ousou ao ter como protagonista um personagem homossexual bem sucedido (Andrew Becket) representado pelo famoso ator Tom Hanks e o seu namorado (Miguel Álvarez) também interpretado por um ator conceituado Antonio Banderas. (LEKITSCH, 2011)

5.3 Análise Fílmica: “*Philadelphia*” (1993)



(DEMME, 1994)

Capa do filme *Philadelphia* (1993) Acesso em 18/08/2016

“*Philadelphia*” (1993) é um filme dirigido por Jonathan Demme e escrito por Ron Nyswaner que narra a trajetória de Andrew Becket, um homem com AIDS que é demitido do escritório de advocacia onde trabalha por causa de sua condição. Ele contrata o advogado Joe Miller, um homem um tanto homofóbico, para processar a firma por demissão sem justa causa.

Estrelando Tom Hanks como Andrew Becket, Denzel Washington como John Miller, Antonio Banderas como Miguel Alvarez entre outras e outros artistas.

O filme obteve 12 vitórias e 16 indicações em premiações incluindo o Oscar de Melhor performance de ator em um papel principal para Tom Hanks e Melhor Música, Canção Original para Bruce Springsteen, compositor da música tema da trama “*Streets of Philadelphia*”. Ainda no Oscar de 1994 o roteiro do filme recebeu nomeações para o prêmio de melhor roteiro, argumento e escritos diretamente para a tela do trabalho para Ron Nyswaner , melhor maquiagem para Carl Fullerton e Alan D’Angerio e melhor música e canção original Neil Young com a canção “*Philadelphia*”.

TRECHO 1:

MIGUEL CUIDANDO DO TRATAMENTO DE ANDREW:



Primeira cena que remete ao convívio íntimo de Miguel e Andrew. As veias de Becket estão difíceis de acessar o que deprime Becket. Há uma discussão e a atmosfera de medo da perda é presente para ambos os homens. Miguel retira o livro de Andrew e pede sua atenção e Becket o pergunta “Você está achando que na verdade nós não temos muito tempo não é, meu amigo?” E Miguel se revolta. Becket diz que começará a preparar seu funeral e a sua vida (uma alusão á tentativa de assegurar os direitos de seu cônjuge), mas descobre que tem uma ideia melhor. Dar uma festa e pensar em vida com na cena que segue esta sequência.

TRECHO 2:**DIÁLOGO DE JORNADAS E DIVERGÊNCIAS:**

Joe desabafa com Becket a respeito do seu modo de criação e de como está desconstruindo o que lhe foi ensinado sobre homossexuais:

Andrew: “Parabéns Doutor”

Joe: “Parabéns?”

Andrew: “É. Você sobreviveu à sua primeira festa gay intacto”.

Joe responde à brincadeira:

Joe: “ Deixa eu te falar uma coisa, Andrew. Quando você é educado do jeito que eu fui, do jeito que a maioria das pessoas é neste país foi não se discute muito sobre “homossexualismo” ou... como é que vocês chamam? Estilos de vida alternativos. Quando criança eles nos ensinam que as bichas são engraçadas, bichas são estranhas, bichas se vestem como suas mães, tem medo de brigar, que são perigosas para as crianças pequenas e que tudo o que desejam é o que está nas nossas calças. E esse é mais ou menos o pensamento geral das pessoas por aí se você quiser saber a verdade.”.

Mesmo com a tentativa de Joe de ensaiar as perguntas no dia seguinte Andy continua a perguntá-lo sobre fé e o revela sobre a preocupação de não estar vivo até o final do julgamento. Andy revela que já registrou suas provisões para doações e pede que Joe ajude Miguel a conseguir um bom advogado para brigar contra o sistema pensionista que não reconhece a união homoafetiva.

Em seguida Andy pergunta se a opera incomoda á Joe que responde não conhecer muito sobre. Algo importante no amadurecimento sentimental e humano do personagem é o reconhecimento de sua frágil concepção sobre opera que o move a ouvir a experiência de Andrew em uma postura diferente da preconceituosa e convicta de costume.



Esta cena representa o clímax da grande catarse do filme, a metáfora de aproximar a tragédia cantada com a tragédia em cena. “ O lugar em que cresci agora está em chamas.”

Andrew: “Você está ouvindo a dor no coração dela? Você está ouvindo Joe?”.

Andrew: “Agora as cordas entram e a música se enche de esperança.”.

Andrew: “E vai mudar de novo.”.

Andrew: “Ouça”

Andrew: “Eu trago a tristeza àqueles que me amam.”.

Andrew: “Foi através dessa tristeza que encontrei o amor”

Andrew: “Como a lua cheia de alegria”

Andrew: “Uma voz cheia de alegria que me diz:

Segue vivendo.

Eu sou a vida!”

Andrew: “O paraíso habita teus olhos”

Momento de música e planos iluminados ao tom de vermelho.

Andrew: “Tudo ao seu redor é só sangue e lodo?”.

Andrew: “Eu sou divino”

Andrew: “Eu sou o esquecimento”

Andrew: “Sou o Deus”

Andrew: “Que desce dos Céus a Terra para dela fazer um paraíso!”.

Andrew: “Eu sou o amor.”.

A música se encerra, as luzes vermelhas e o destaque da fogueira se retraem e o ambiente inicial é reconstruído. A conexão sentimental entre Andrew e Joe causa estranhamento e prazer em Joe. Ele se comove com a aflição da opera e com a leitura de Andy: Joe se comove assim

com o maior momento de impacto e ruptura da sua visão anterior que se dá através da sensibilidade, do convívio e da solidariedade com os problemas enfrentados por Becket.

Este é um diálogo de extrema riqueza cultural, não apenas por conta de sua construção estética fotográfica, mas também por ser um momento marcado por falas que relacionam diferentes criações e concepções de masculinidade e homossexualidade que circulam no momento da infância em diferentes classes sociais. É possível inferir que pelo universo de Andrew – tanto com o seu gosto pela musicalidade erudita da ópera como por outros momentos do filme – que este foi criado por uma classe mais abastada e esclarecida que a de Joe, onde a sua cultura difundia uma falta de sensibilidade e uma série de paradigmas sobre homossexuais. É uma cena de confronto de classe e concepção, onde notoriamente o ponto de virada crucial do roteiro se encontra. Nesse momento, devido sua vivência com Andrew, Joe notoriamente reavalia seus conceitos machistas. É importante também salientar que o esclarecimento sobre sexualidades não necessariamente está ligado à classe social, entretanto é possível tal observação de acordo a troca de informações nesta.

TRECHO 3:

ANDREW MOSTRA SUAS LESÕES:



Após Andrew ter negado a possibilidade de ver a lesão em sua orelha através de um espelho. Joe pede ao juiz para perguntas ao Andrew se ele tem, em alguma parte do corpo alguma lesão semelhante às que tinha no rosto quando foi demitido. Joe pede que o juiz permita Andrew tirar a camisa com a seguinte frase:

Joe: “Estamos falando de lesões. Estamos falando de AIDS. Então vamos ver do que se trata.” Trazendo novamente um discurso bidirecional: para o Júri (dentro da narrativa do filme) e

(no que permite a interpretação do contexto narrativo) para os espectadores do filme: Ambos como a sociedade mediante ao caso.

A MORTE DE ANDREW:



Após ganhar o caso, Andrew está prestes a perder a vida, as despedidas são comoventes e intensas. Os planos em close e superclose colocam o espectador face a face com o amor e a doença mortal, que representados por Andrew seus mais próximos.



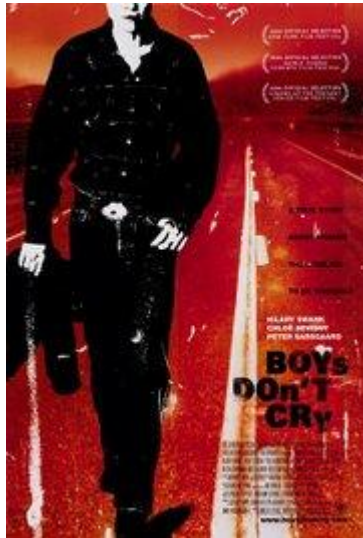
Andrew: - “Eu estou pronto...”.

TRECHO 4:**O FUNERAL DE ANDY:**

Philadélfia não é exceção da regra da tragédia homossexual em cena onde dor, sofrimento e doença são os abres alas para a temática. Entretanto este filme, como a primeira película de grande circuito a tratar da temática da AIDS, traz com poesia e sensibilidade um sujeito capaz de criar laços de afeto e ter seus momentos de prazer que não estão necessariamente ligados à sua sexualidade. Tabus são abstraídos e evitados em todo o filme. O erotismo homossexual é inexistente, mas a carga emocional de início ao fim apaixonam o público por Becket. Sem abrir precedentes claros para o julgamento. O filme termina com cenas da infância de Andy. Seu funeral é um espaço de luto com energia, sensibilidade, vida e juventude. Juventude a esta que se destina um futuro de promessa e liberdade, como se o filme deixasse claro que abrirá (e abriu de fato) as portas para um diferente e ousado olhar sobre a temática da vida de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, seus conflitos e problemas de vida e saúde no cinema de grande circuito.

Por mais que Filadelfia seja um divisor de águas principalmente no que diz respeito ao reconhecimento da temática, a AIDS e o estigma social, não foge o final trágico para um homossexual. Característica essa que, mesmo dentro de uma exitosa produção na indústria cinematográfica ganhadora de 6 oscars, ainda circula a ideia de tristeza com a morte do protagonista representada para os espectadores. (LEKITSCH, 2011)

5.3 Análise Fílmica: “Boys Don’t Cry” (1999)



(PEIRCE, 2000)

Boys Don't Cry (1999) é um filme dirigido por Kimberly Peirce e escrito pela mesma e Andy Bienen narra a trajetória de Teena Brandon ao adotar sua identidade masculina de Brandon Teena e tenta encontrar a si mesmo e amor em Nebraska.

Estrelando Hilary Swank como Brandon Teena, Chloë Sevigny como Lana Tisdell, Peter Sarsgaard como John Lotter entre outras e outros artistas.

Boys Don't Cry (1999) recebeu 48 prêmios e 37 nomeações não vitoriosas, incluindo a vitória no Oscar de Melhor Atriz em Papel Principal para Hilary Swank e a nomeação de Chloe Sevigny para a estatueta de melhor atriz coadjuvante.

O filme, baseado na história real de Teena Brandon, se passa nos Estados Unidos da América no universo da estrada, do interior, do alcoolismo cultural e da forte repressão ao modo de vida de LGBTs (punido criminalmente em muitos estados).

O filme narra, através do protagonista Brandon (Hilary Swank) as fronteiras e configurações da sexualidade e do gênero. Brandon defende sua identidade masculina transexual. Em diversas cenas e elementos fílmicos percebemos o domínio do conhecimento sobre o diagnóstico do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) que nesse sentido não parece interferir na autonomia de vivência do gênero preferido (se analisados tais componente segundo as considerações de Judith Butler sobre o diagnostico patológico da transexualidade), entretanto o

diagnóstico como patologia confere dor à pessoa, assim como confere culpa e intensifica as mazelas sofridas.

TRECHO 1:

DE TEENA BRANDON PARA BRANDON TEENA:



Esconder os seios, simular um pênis artificial de meias e um penteado geralmente masculino são os principais elementos que trazem a imagem masculina de Brandon à composição de seu personagem e de sua real identidade de gênero. Esta cena permite ao espectador entrar intimamente no momento após o banho do protagonista, onde como que em um passo a passo, a câmera fosse o espectador de um tutorial da transexualidade e seus artifícios e técnicas.

De fato o que se está exibindo é a técnica do Crossdressing, a transexualidade manifesta através dos signos e aparências do gênero escolhido pela pessoa. O sonho da cirurgia de redesignação sexual é uma esperança para Brandon, mas enquanto não a alcançou as técnicas de disfarce da feminilidade e realce da masculinidade ilustram e representam o seu modo de vida travestigenero e transexual.

TRECHO 2:

ESTURPO CORRETIVO LGBTFÓBICO:



A violência começa quando os homens retiram a roupa de Brandon e o expõem. As agressões são socos, xingamentos e provocações de conotação sexual. A namorada de Brandon é arrastada para presenciar a violência contra seu namorado.



Logo após a montagem paralela entre momentos da agressão, da denúncia à polícia e a perícia médica do Corpo Delito mostram e desenharam o retrato triste e cruel do que significa de fato o estupro com caráter punitivo que muitas vezes afeta um homossexual por um agressor que ou corrigir sua sexualidade ou puni-lo por isso. Esta é uma grave violação de direitos humanos, uma grave violência e uma grande sequela para a saúde física e psicológica de Brandon e de tantas outras vítimas reais desta agressão.

O filme se conclui com o assassinato de Brandon. Os mesmos homens que a estupraram também lhe tiraram a vida. A transfobia (dentro dos fenômenos da LGBTfobia) é um dos agravos mais preocupantes porque intensifica um processo de leituras equivocadas e violentas sobre esta população muitas vezes já não compreendida e acolhida socialmente

6. CAPÍTULO 3

6.1 Década de 2000: a quebra do tabu

“Se você não consegue amar a si mesmo, como
você vai amar outra pessoa? Amém!”
RuPaul Charles

Os avanços crescentes no movimento, na saúde e no cinema nesta década é expressivo contando tanto com o avanço nas tecnologias de informação e circulação dos filmes. Em 2001 Países Baixos é o primeiro país do mundo a conceder o direito do casamento a casais homoafetivos. Em 2005 Espanha e Canadá, em 2006 é a vez da África do Sul, já no último ano da década, Noruega e Suécia seguiram o atendimento da demanda do movimento LGBT. (G1; PAULO, 2015) De acordo com (ARÁN; CORRÊA, 2004) “[...] o reconhecimento civil do laço afetivo e sexual homossexual, se transforma numa ameaça de apagamento de fronteiras e de transgressões de limites.”

As paradas de celebração do orgulho LGBT no mundo crescem e aparecem na mídia e no mercado segmentado.

Na perspectiva da saúde de LGBTs no Brasil, ao longo da década de 2000 diferentes políticas públicas passam a contemplar na sua redação o foco nas especificidades da comunidade, levando em consideração aspectos como a orientação sexual e a identidade de gênero. Essa incorporação, iniciada na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) de 2004 também aparece na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) de 2008.

Na PNAISM, o avanço na legitimação das especificidades da saúde de mulheres lésbicas, bissexuais e transgenero explícita, por exemplo, dificuldade de acesso aos exames preventivos como Papanicolau, exame de mama, detecção de DSTs, ¹⁰estupro corretivo – dentro e fora do núcleo familiar – entre outros. (BRASIL, 2004).

Futuramente na redação da PNAISH a promoção da equidade para distintos grupos sociais explícita diretamente os focos em populações indígenas, negras, quilombolas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, trabalhadores rurais, homens com deficiência, em situação de risco, em situação carcerária, entre outras. (BRASIL, 2008).

¹⁰ Violação sexual sofrida por mulheres lésbicas motivada pela crença que estas, ao serem violentadas, passam a ter desejo sexual pelo sexo oposto.

Dentro da busca de garantia à equidade - especificamente sobre a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgeneros os estudos de indicadores de morbidade e mortalidade como os relacionados às violências e ao suicídio, bem como a análise de determinantes e condicionantes como o desemprego e o acesso aos direitos sociais, permitem a ampliação da percepção sobre as demandas de saúde desse grupo.

No que diz respeito ao amparo institucional às conquistas se tem um grande avanço. Segundo (MELLO; AVELAR; MAROJA, 2012, p.295):

Ao longo dos anos 2000, é possível identificar, ainda, quatro marcos principais no âmbito das ações do Poder Executivo voltadas para a população LGBT: criação do “Brasil Sem Homofobia (BSH) – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual”, em 2004; realização, em 2008, da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o tema “Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBT)”; lançamento do “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais” (PNDCDH-LGBT), em 2009; e publicação do decreto que cria o “Programa Nacional de Direitos Humanos 3” (PNDH-3), em 2009.

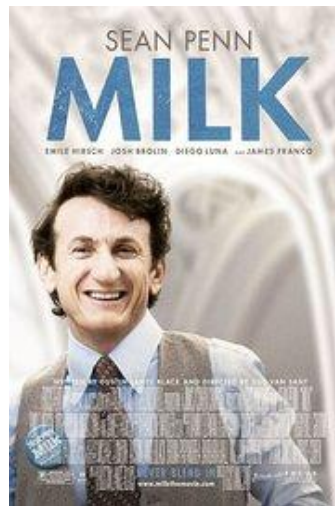
A Conferência Nacional LGBT do Brasil, realizada em 2008, foi a primeira dessa natureza em todo o mundo, o que de fato demonstra o compromisso do Estado brasileiro com a promoção dos direitos LGBT (FACCHINI, 2009)

Entretanto muitas das ações pactuadas em diferentes esferas governamentais não se efetivaram na prática administrativa e na gestão das secretarias designadas a tais cumprimentos e o ministério e as secretarias de saúde também se inserem nesta parcela de não cumprimento ou cumprimento parcial de seus compromissos com as políticas públicas. Em pesquisa que avaliam o universo dessas políticas para LGBTs no Brasil, MELLO, AVELAR & MAROJA,(2012) afirmam que:

O ponto de partida é o entendimento de que, apesar de uma relativa abundância de documentos governamentais e de eventos que proporcionam interlocução entre governo e sociedade civil, o grande desafio é transformar as incipientes políticas públicas, gestadas ao longo dos últimos anos, especialmente a partir de 2004, em efetivas políticas de Estado, que não estejam à mercê da boa vontade de governantes e das incertezas decorrentes da inexistência de marco legal de combate à homofobia e de promoção da cidadania LGBT.

O cinema de temática LGBT obteve avanços a serem reconhecidos, segundo (Lekitsch, 2011, p.178) “Os filmes gays saem da escuridão ou do segundo escalão, subindo ao topo concorrendo de igual para igual com outras produções americanas. Enfim, parece que o tabu americano é vencido.”. Uma das produções que se destaca foi o grande sucesso “*Brokeback Mountain*” (2005) que foi indicado a oito Oscars e ganhou três: diretor, trilha Sonora e roteiro adaptado. Atores famosos assumem papéis de peso como Sean Penn vivendo o subprefeito de São Francisco na atuação que lhe conferiu uma estatueta de melhor ator (Lekitsch, 2011).

6.2 Análise Fílmica: “*MILK*” (2008)



(SANT, 2009)

Segundo o site *International Movie DataBase* (IMDB) o filme “*Milk*” (2008) dirigido por Gus Van Sant e escrito por Dustin Lance Black conta a história de Harvey Milk e suas lutas como um ativista gay americano que lutou pelos direitos dos homossexuais e se tornou o primeiro oficial abertamente gay eleito na Califórnia. [Tradução nossa]

Estrelando Sean Penn como Harvey Milk , Josh Brolin como Dan White, Emile Hirsch como Cleve Jones, James Franco como Scott Smith entre outras e outros artistas.

No Site do IMDB é possível encontrar uma listagem de premiações onde constam entre nomeações e vitórias nas premiações do Oscar. A imagem foi coletada no site:

O filme conquistou 59 premiações e teve 137 nomeações, incluindo o Oscar de 2009 nas categorias de melhor de ator em um papel principal para Sean Penn e melhor roteiro original para

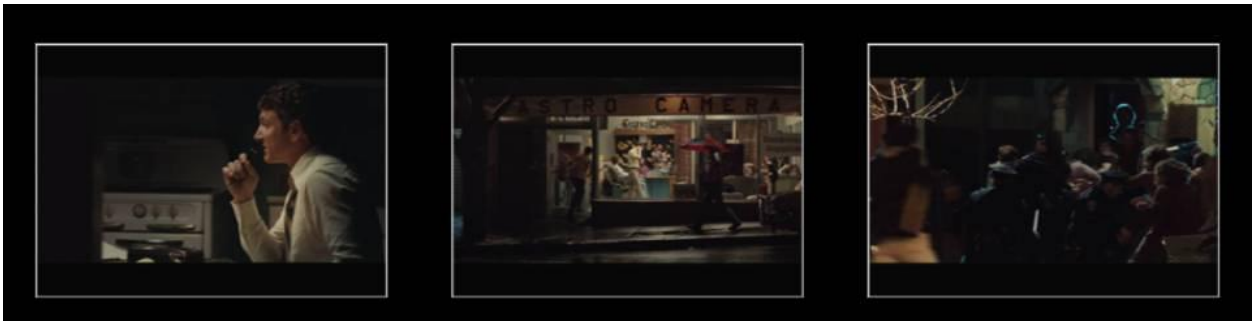
Dustin Larice Black. O título também foi nomeado nas categorias do Oscar de melhor ator coadjuvante para Josh Brolin, melhor direção para Gus Van Sant, melhor montagem para Elliot Graham, melhor figurino para Danny Glicker, melhor trilha sonora original para Danny Elfman. (IMDB Acesso em 07/12/2016)

TRECHO1:

AS BATIDAS E A VIOLÊNCIA POLICIAL:

O filme monta cenas das memórias do passado (e um pouco do futuro) de Harvey que grava em narração com o objetivo que sejam ouvidos caso o mesmo seja assassinado. Um claro esforço de registrar a história do movimento LGBT que vivenciou.

Não se sabe ao certo em qual momento da sua vida Harvey estaria fazendo estas narrações, mas os relatos e suas frases registradas ecoam por diversos momentos desta ficção biográfica.



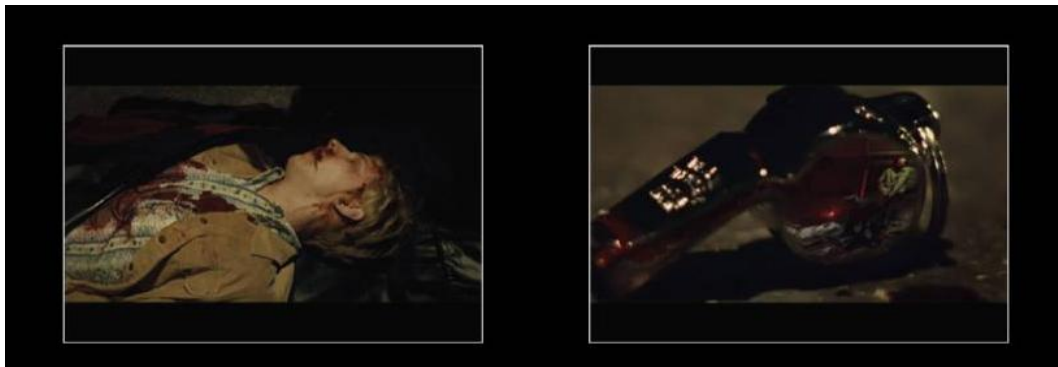
Nesta sequência Harvey narra sobre como passou a ser reconhecido como uma autoridade gay do bairro Castro na Califórnia –EUA. Após avaliar que as LGBTs que o apoiavam seriam capazes de realizar reais impactos econômicos na localidade e assim fazer inclusive parcerias e acordos com, por exemplo, distribuidores de produtos e caminhoneiros, o empresário e militante encara a realidade de uma dura configuração da política conservadora que tinha o hábito de atacar os bares de público majoritário homossexual para abertamente provocar e machucar os cidadãos. Muitos destes frequentadores de bares de público gay visitavam estes locais sem documentos com medo de serem reconhecidos e perderem seus empregos e desfazer laços familiares. Esta era

justificativa da violência policial que não ficou impune, por exemplo, com a revolta de Stonewall em Nova Iorque em um período bem próximo ao ano em que se passa a história de Milk.

É muito importante relacionar estas cenas com o distanciamento de LGBTs de direitos humanos justamente através do aparato da segurança pública. A violência neste caso se justifica pelos policiais defenderem ideais conservadores da região (como dito em cena anterior). Esta cena evidencia que de fato profissionais de diversas áreas, principalmente ligadas aos direitos sociais, precisam ser introduzidos em uma política inclusiva e não LGBTfóbica.

TRECHO 2:

ASSASSINATO LGBTFÓBICO:



Como apresentado no filme, o apito foi a solução que muitos LGBTs encontraram para denunciar as agressões com as quais convivem cotidianamente. Com o som esses poderiam correr até o local e impedir o avanço da violação.

Nesta curta, porém significativa, Harvey observa a retirada de um homem morto e seu apito de alarme que não pode salvar sua vida. Esta pessoa morta é uma vítima da cruel invisibilidade colocada aos crimes de ódio na década de 1970 que LGBTs ainda vivenciam na atualidade.

O corpo está sem vida, ensanguentado e aparentando sinais de pavor e horror. Este agora é apenas mais um nas estatísticas, um sujeito que a sociedade vai recriminar, mas que Milk representará com sua grande voz que questionará a ausência e a ineficácia da justiça em casos como esse.

Em uma análise contextual da época que “Milk” foi lançado, a homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia já eram pautados, de certo modo, pelas camadas politizadas e veículos de imprensa da década de 2000. Entretanto quando “Milk” vem às telas para mostrar a sensibilidade necessária para o enfrentamento desse determinante da saúde e da vida de LGBTs, prova-se que o cinema traz materiais humanos para reciclar a humanidade de certas insensibilidades históricas.

TRECHO 3:

O ATIVISMO DO MOVIMENTO SOCIAL DE LGBTs:

Harvey Milk tornou-se um símbolo de luta e resistência desde que exemplarmente mostrou o poder da população LGBT ao após sofrer rejeição das associações comerciais por ser um empresário Gay em um bairro até então conservador.



Um dos elementos mais importantes do filme é o resgate cultural e político da trajetória das pautas do movimento homossexual/LGBT na década de 1970. De fato esta é uma representação cinematográfica com o efeito de legitimação e promoção do orgulho de uma trajetória de luta das identidades marginalizadas, O coro das manifestações, como representado no filme, gritava palavras de ordem contra as medidas homofóbicas e preconceituosas do governo, como, por exemplo, a tentativa de impedir professores homossexuais de lecionar.

A ausência de direitos humanos e civis era denunciada tanto pelo coro quanto pelos cartazes em diversos momentos de marcha representados no filme.



Nesta outra cena tem-se mais um dos importantes resgates históricos do movimento LGBT de 1970. A marcha pela liberdade dos gays em 25 de Julho de 1978 é representada no filme com uma montagem entre imagens capturadas no dia real do evento e a reencenação encantadora de um movimento de reafirmação da identidade e busca pelos direitos que às LGBTs são negados.

Nesta cena, um carro é mostrado desfilando com um cartaz que pede apoio à medida em votação do governo que apoiaria os bens e moradias de LGBTs. Esta medida infelizmente não foi aprovada o que garantiu ar de vitória às forças conservadoras representadas no filme.

A potência e a coragem de Milk inspiram completamente em cada palavra, cada discurso, com a sua felicidade a tela se enche de cor e a sua voz suave acalenta os corações revoltados com as injustiças na mesma medida que recruta as pessoas para a causa LGBT.

Uma marca interessante desta cena é que entre a montagem do registro real e a ficção elementos como a irreverência dos participantes e as pautas feministas são visíveis e perceptíveis em pessoas e faixas que aparecem em cena.

ASSASSINATO DE HARVEY MILK:



“Milk” é um filme que não foge a regra do clichê dramático para personagens LGBTs. Harvey Milk, como na vida real, é assassinado em seu local de trabalho pelo seu colega de trabalho, o também supervisor Dan White.

Encontram-se nessa cena duas configurações tristes e interessantes para esta pesquisa. Em primeiro lugar que Harvey tornou-se poderoso e influente, tornou-se um político que leva a voz de LGBTs a serem ouvidas e representa suas demandas. Já o outro ponto é que seu assassinato repete a infeliz configuração comum: LGBTs mortos em seus locais de trabalho muitas vezes por “colegas”.

Harvey representou o perigo para a fragilidade do sistema patriarcal. O próprio reconhece essa questão durante a narrativa do filme. Harvey é um construtor e fruto do movimento social LGBT no início de sua ascensão moderna. O seu assassino, Dan White, representa claramente o desespero da sociedade em provocar um apagamento daqueles que fogem às regras e as questionam. O assassinato de Harvey Milk (por mais que injustamente julgado condenando brandamente seu assassino com a desculpa de ter sido motivado por distúrbios alimentares) é pelo movimento social lembrado como um ato de crueldade e desespero de uma política suja que ainda é praticada nos dias de hoje.

7. CAPÍTULO 4

7.1 Década de 2010: um progresso conquistado a passos duros e lentos:

“Não importa se você é gay, hetero ou bi
lésbica ou se é transexual
Eu estou no caminho certo, baby
Eu nasci para sobreviver”
Lady Gaga

Esta década em particular será analisada até o ano de 2016, ano de conclusão desta pesquisa. Há muita incerteza, avanços ou até mesmo retrocessos como possibilidade para o Brasil e para o mundo, entretanto nesta pesquisa está em evidência um recorte para analisar o progresso para a população LGBT e como se desenvolveu até os dias de hoje.

No que diz respeito ao progresso nos direitos civis, a legalização do casamento homoafetivo ampliou-se para diversos países. No ano de 2010 Portugal, Islândia e Argentina permitiram direitos civis de união homoafetiva no passo que em 2013 o Uruguai, França, Nova Zelândia e o Brasil tomaram as mediadas de equidade de direito matrimonial, em 2014 Inglaterra, Escócia e País de Gales, 2015 Luxemburgo, Estados Unidos, e Irlanda e atualmente em 2016 a Colômbia. (G1; PAULO, 2015) Estes e alguns outros países ainda apresentam configurações complexas a cerca da união homoafetiva, havendo diferentes formas de legisla-la, permiti-la ou coibi-la.

Infográfico 1: Infográfico sobre o casamento gay



Fonte: G1, 2015. Acesso em 09/12/2016

O Ministério da Saúde Brasileiro, reconhecendo as pautas do movimento social e sua participação nas Conferências de Saúde, elaborou a Política Nacional de Saúde Integral da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgeneros/Travestis/Transexuais (PNSI – LGBT). Neste documento, que tem como marca “o reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão no processo saúde-doença da população LGBT” (BRASIL, 2013), uma série de objetivos e diretrizes é estabelecida visando a ampliação do acesso integral e equânime a essa população.

A política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, aprovada pelo conselho Nacional de Saúde em 2008 e publicada pela Portaria Nº 2.836, de 1º de Dezembro de 2011, reafirma que a garantia ao atendimento à saúde é uma prerrogativa de todo cidadão e cidadã brasileiros, respeitando-se suas especificidades de gênero, raça/etnia, geração, orientação e práticas afetivas e sexuais e converge com os princípios fundadores do Sistema Único de Saúde (SUS): Integralidade, universalidade e equidade.

De acordo com a PNSI-LGBT essa ampliação compreende um conjunto de demandas e necessidades tais como o incentivo à produção de pesquisas científicas, inovações tecnológicas e compartilhamento dos avanços terapêuticos; Aprimoramento do Processo Transexualizador; A implementação do protocolo de atenção contra a violência considerando a identidade de gênero e etc. (Brasil, 2013)

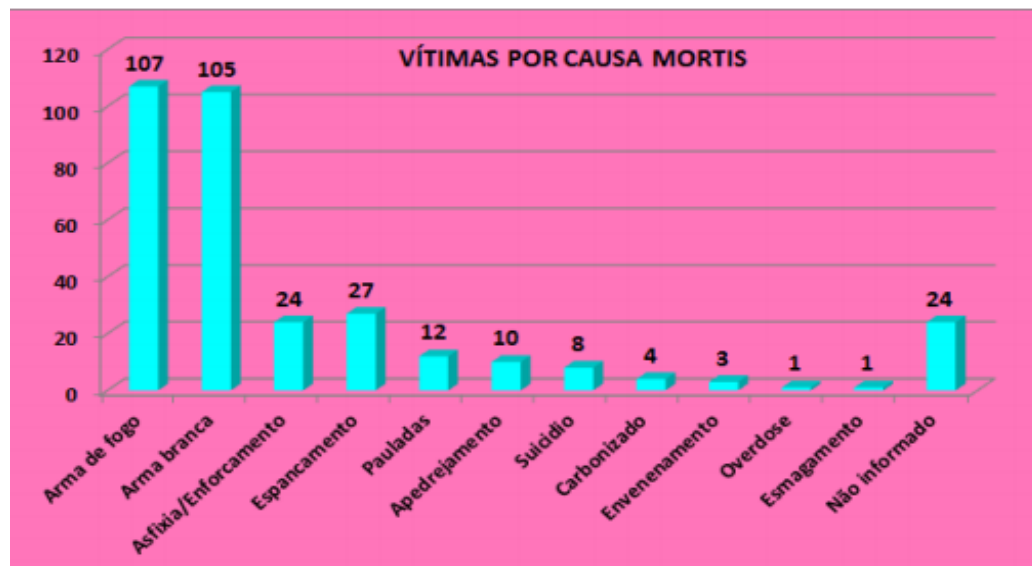
Estas demandas evidenciam o preconceito pela não adequação que ainda norteia o discurso de ódio presente na sociedade e circula falsas informações desde o uso de ofensas e violência física podendo chegar ao homicídio.

O relatório de 2014 do Grupo Gay da Bahia através de seu monitoramento coletou dados de 300 ONGs LGBT de todo o Brasil e concluiu que o país continua sendo o campeão mundial de crimes motivados pela homo/transfobia.

O relatório mais atual do GGB é de 2014 e trás configurações preocupantes. Mesmo com o considerável aumento de dados coletados, os casos de violência e homicídio em subnotificação ainda exigem estratégias e enfrentamentos metodológicos avançados para serem alcançados. Segundo o Relatório GGB 2014 (“ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS (LGBT) NO BRASIL: RELATÓRIO 2014”, 2014) “Foram documentados 326 mortes de gays, travestis e

lésbicas no Brasil, incluindo nove suicídios. Um assassinato a cada 27 horas. Um aumento de 4,1 % em relação ao ano anterior (313).”.

Gráfico 1: Relatório de Assassinatos LGBTfobicos *Causa Mortis* de 2014 do Grupo Gay da Bahia.



Fonte: GGB, 2014. Acesso em 25/06/2016

Ainda de acordo com a avaliação do relatório 2014, Luiz Mott afirma:

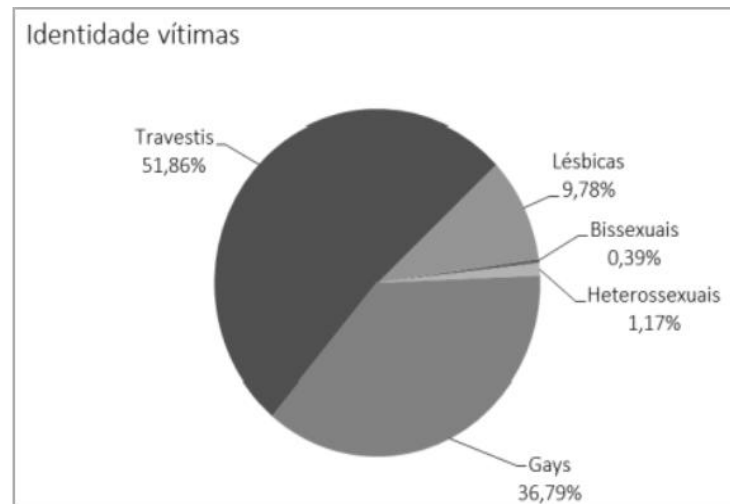
Lastimavelmente, a violência anti-homossexual cresce incontrolavelmente no Brasil. Nos 8 anos do governo FHC, foram documentados 1023 crimes homofóbicos, uma média de 127 por ano; no Governo Lula a quantidade de crimes subiu para 1306, com média de 163 assassinatos por ano; em apenas 4 anos, no Governo Dilma, tais crimes já atingiram a cifra de 1243, com média de 310 assassinados anuais – quase o dobro dos governos anteriores. Daí a urgência da Presidenta cumprir sua promessa de campanha de criminalizar a homofobia! (GGB, 2014)

Analisando o panorama do Brasil, de acordo com o ¹¹Relatório de Violência Homofóbica publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (BRASIL, 2012), as

¹¹ O relatório da Violência Homofóbica no Brasil é o documento, que pela primeira vez reúne dados oficiais sobre a segurança pública quanto à população LGBT no Brasil. Os dados oficiais sobre segurança pública não incluem características sobre orientação sexual e identidade de gênero, logo são escassos, imprecisos e não obrigatórios. Os dados foram obtidos através do disquete denúncia, poder público e dados hemerográficos – provenientes da divulgação da mídia.

travestis correspondiam em 2011 a 51,86% das vítimas de “LGBTfobias”, seguidas pelos gays (36,5%), lésbicas (6,7%), heterossexuais e bissexuais (2,3% e 0,84%, respectivamente)

Gráfico: 2 Identidade de vítimas por homofobia



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: Ano de 2012. Acesso: 22/05/2016

A saúde LGBT deve ser compreendida como resultante de diversos fatores que a influenciam. Estes fatores são reconhecidos pela política de saúde integral como determinantes e condicionantes sociais e epidemiológicos que para além das doenças e agravos que acometem a todos as pessoas de forma indiscriminada, as lésbicas, gays, bissexuais, transgenero/travestis/transexuais sofrem com o contexto de sociedade pautada no ódio à diversidade.

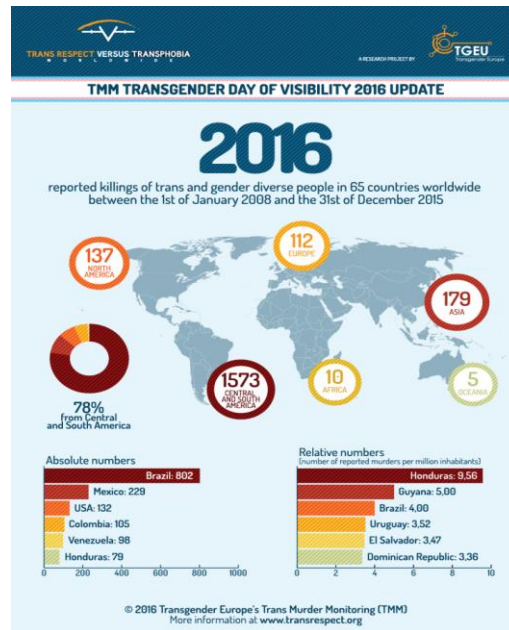
A persistência de relações sociais pautadas no ódio à diversidade dificulta o convívio e a inserção destas pessoas na sociedade. Como consequência, segue-se o afastamento de direitos fundamentais, como por exemplo, a inserção dessas pessoas nos meios de convívio social, mercado de trabalho, nas próprias famílias e até mesmo no acesso aos serviços da seguridade social como a saúde e a previdência. E é nesta perspectiva que Cardoso observa os determinantes e os aponta como agressores diretos aos direitos humanos a esta população.

No Brasil, o fenômeno da *Homofobia* (Atualmente sendo mais reconhecida como *LGBTfobia* para agregar visibilidade às possíveis variantes e semelhantes características das manifestações de ódio à LGBTs) é muito preocupante. Segundo o “Relatório sobre Violência

Homofóbica no Brasil”, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, publicado em 2012, 44% do total de mortes por homofobia do mundo acontecem no Brasil.

A população de Travestis, Transgeneros e Transexuais possui especificidades que compreendem campos convergentes às lutas da militância homo e bissexual, entretanto há pautas que são específicas das pessoas Trans.

Infográfico 2: Assassinato de transexuais (TMM):



Fonte: TMM, 2016. Acesso em 22/05/2016

De acordo com o infográfico publicados pela *Transrespect versus Transphobia Worldwide*, a partir das informações coletadas em todo o mundo, entre 01/01/2008 e 31/12/2015 o Brasil foi o país onde ocorreu a maior quantidade de assassinatos a pessoas transgenero.

O projeto *Trans Murder Monitoring* (TMM) começou em abril de 2009 como uma cooperação entre Transgender Europe (TGEU) e a revista on-line acadêmico *Liminalis - Revista de sexo / gênero Emancipação e Resistência*. Com o envolvimento da equipe editorial da *Liminalis*, TMM tornou-se um projeto piloto de projeto de pesquisa Transgender Europe de "Transrespect contra Transfobia Worldwide" em setembro de 2009. [Tradução nossa]

O projeto TMM conta com o apoio de ONGs, lideranças sociais, dados oficiais e hemerográficos para mapear a situação do homicídio sofrido por pessoas trans. É importante

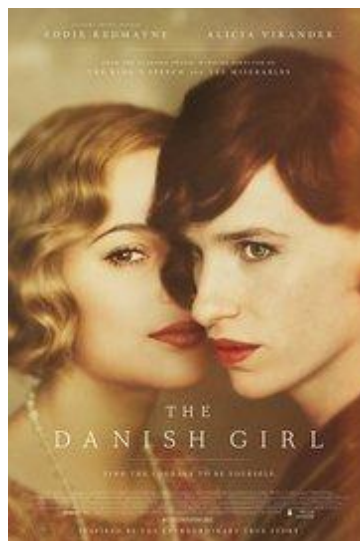
salientar que a pesquisa reconhece a subnotificação de inúmeros casos e a dificuldade enfrentada pela categorização da LGBTfobia quando simplesmente categorizada como crime de ódio.

O governo brasileiro oficializa as cirurgias de redesignação sexual em 2008, implantando o "Processo Transexualizador" no Sistema Único de Saúde. O processo de terapia hormonal e a cirurgia de redesignação sexual são redefinidos no SUS a partir da Portaria N° 2.803, de 19 de novembro de 2013 (BRASIL, 2013).

No Brasil, por exemplo, é possível observar avanços nos direitos da homoparentalidade através do direito à adoção, a promoção da cidadania trans a partir do avanço sobre a legitimidade do nome social.

Infelizmente o ano de 2016 contou com o segundo maior atentado terrorista nos EUA. Um homem armado entrou na boate LGBT “Pulse” em Orlando – Flórida e disparou contra os frequentadores da festa. Um genocídio LGBTfóbico que exemplifica a urgência da luta contra a marginalização e o ódio à LGBTs.

7.2 Análise Fílmica: A Garota Dinamarquesa



(HOOPER, 2016)

Segundo informações do site *International Movie DataBase* (IMDB) o filme “*The Danish Girl*” (2015) dirigido por Tom Hooper e escrito por David Ebershoff (livro), Lucinda Coxon (roteiro de cinema) conta uma história de amor fictícia vagamente inspirada na vida das artistas dinamarquesas Lili Elbe e Gerda Wegener. O casamento de Lili e Gerda se desenvolve na medida

em que elas navegam no percurso inovador de Lili como uma pioneira mulher transgênero. Estrelando Eddie Redmayne como Einar Wegener / Lili Elbe e Alicia Vikander como Gerda, Amber Heard entre outras e outros artistas.

“*The Danish Girl*” possui 27 prêmios e 71 nomeações incluindo o Oscar. Na edição de 2016 o Academy Awards indicou Eddie Redmayne para o prêmio de melhor ator principal, Paco Delgado como melhor figurinista e Eve Stewart & Michael Standish para o prêmio de melhor design de produção. A única estatueta do filme foi de Alicia Vikander, que com a personagem Gerda, obteve o prêmio de melhor performance de uma atriz coadjuvante.

Neste filme de 2015 foram selecionadas 3 cenas que dialogam com os conceitos de saúde que permeiam principalmente as questões da saúde de mulheres transexuais. O contexto temporal se passa em torno dos anos 1920 e 1930 na Europa.

TRECHO 1:

A TERAPIA DE REVERSÃO DAS IDENTIDADES LGTBTS:

A comunidade científica da época ainda tratava a transexualidade como perversão sexual como uma manifestação da própria homossexualidade que também era considerada um desvio da normalidade e uma anomalia na constituição da masculinidade (em especial falando da homossexualidade masculina).



Nesta cena Einar e Gerda vão à procura de mais um tratamento médico para compreender o que causa de fato a existência de Lili. O médico, porém, como muitos anteriores, afirma que a questão pode ser curada e aponta a teoria radioativa como o milagre responsável por este feito.

Einar é amarrado com uma cinta forte e é exposto à radiação em uma tentativa desumana e sem efeito de expurgar transexualidade (na época comumente confundida com a homossexualidade).



É torturante ver a dor na tortura sofrida por Einar/Lili. Mesmo implorando para sua amada e dizendo que não havia nada de errado com a Lili ela, com todo seu medo e desconhecimento perfeitamente interpretados por Alicia Vikander.



Após a cena da terapia, Einar/Lili afirma ao médico que ele machucou a Lili. De fato uma verdade que não agradou o então representante da ciência patologizante, entretanto sua esposa está cada vez mais convicta e sensível sobre a legitimidade da existência de Lili.

TRECHO 2:
AGRESSÃO TRANSFÓBICA



Resumidamente esta cena consiste em Einar/Lili em Paris com sua esposa, fugindo da perseguição à sua transexualidade. Ao retornar da biblioteca para casa Einar/Lili se depara com dois rapazes que se comunicam e obtêm um sorriso como reação. Estes então perseguem e caçam de não saberem de Einar/Lili é um menino e uma menina.



Com muito medo, Einar/Lili reage batendo em um dos homens, mas não é feliz em sua fuga e é vítima de agressões violentas e covardes da parte desses dois sujeitos LGBTfóbicos que ao final da cena saem tranquilamente satisfeitos da dor que causaram.

Esta é uma triste porém importante realidade a ser considerada sobre as agressões LGBTfóbicas: a impunidade. Não é por acaso que no ano de 2016 um filme tão sensível sobre a transexualidade conquiste o mundo e a academia de cinema americana.



Atualmente a notificação/percepção da transfobia, principaçmente letal, tem sido denunciada e divulgada por diversos veículos, principalmente pelo movimento organizado de transsexuais. Esta cena é um resgate histórico de uma cena que, mesmo há décadas atrás representa bem desafios enfrentados, por exemplo ainda em 2016. Mostrando que, no sentido da saúde, da segurança e no direito de ir e vir as (os) trançneros demandam estratégias imediatas.

TRECHO 3: A MORTE DE LILI

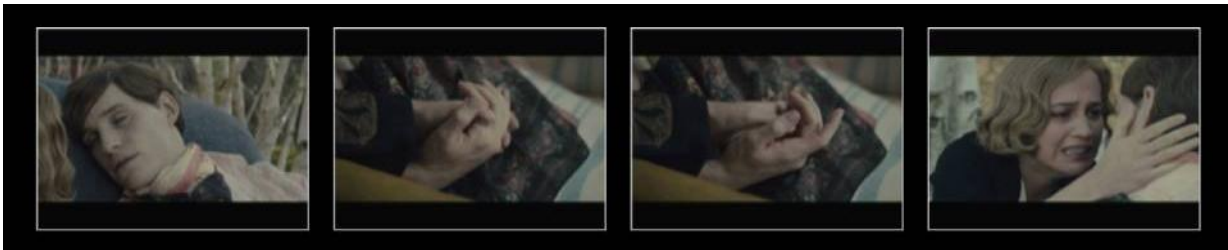
De acordo com a narrativa, Lili morre de complicações no andamento de uma das cirurgias para redesignação sexual para o gênero feminino. Por conta de complicações cirurgicas decorrentes muito em conta pela tecnologia ineficiente da época para um procedimento tão complexo.



As expressões de felicidade e completude mescladas com a dor física de Lili introduzem ao espectador que a dor da transexualidade não pode de fato ser compartilhada assim como a felicidade de se ver completa como sempre se imaginou, Lili se sente um milagre, sentese renascida e a mulher que sempre foi,



As complicações levaram Lili a óbito. Antes de morrer a recém operada identificava-se como renascida, finalmente completa. A excitação com um resultado tão inovador da transexualidade não pode ser completamente experimentada.



“*The Danish Girl*” é mais um filme que termina com o final trágico da morte da protagonista LGBT. A semibiografia de Lili Elbe claramente não poderia ter um fim diferente, mas a forma com a qual a interpretação e o universo integral do sujeito que se reconhece como transgenero é uma experiência de respeito que essa temática goza com grande expressividade atualmente no cinema de massa.

Esse filme é lido com uma leitura múltipla de lideranças transativistas, por um lado o filme é apoiado por difundir uma imagem humanizada e não apelativa de mulheres trans e por outro a crítica mais dura se dá ao fato do ator em di, Eddie Redmayne, ser um homem cisgenero enquanto o poder de representatividade poderia alcançar um teor de maior amparo a causa.

Não se atendo profundamente a esta discussão – completamente pertinente – pode-se concluir que esse filme promoveu uma verdadeira transformação até mesmo na estética de LGBTs no cinema de Hollywood. Um filme de amor, de fuga, de drama que convive com os dilemas, perigos e sensibilidade do processo de transição de gênero.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esta pesquisa pretende contribuir com o potencial de discussão do movimento, da saúde e do cinema LGBT a partir de leituras da revisão bibliográfica e da análise da produção de significado e da representação cinematográfica de LGBTs.

Ao longo de recentes décadas as concepções, o acesso e o cuidado na saúde da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais evoluiu no mundo enquanto ainda enfrenta diversos desafios em alguns países. No Brasil não é diferente, os avanços são grandiosos assim como os desafios que ainda devem ser superados. O movimento LGBT e suas diversas interseções com outros movimentos (como o movimento feminista, o movimento de negras e negros, o movimento dos trabalhadores entre outros) estão nesta pesquisa considerados como grandes motores de transformação e visibilidade, onde a insalubridade gerada por tabus e paradigmas são questionados e desconstruídos para a humanização e legitimação da vida para os sujeitos historicamente marginalizados.

É importante salientar que o conceito e a construção histórica do movimento social, da identidade, da construção científica e artística categorizada com o termo *Queer* (não em uso pejorativo) não está explicitamente definida no corpo desta pesquisa por limitações de recorte. Entretanto é desejável que com o material coletado com esta pesquisa sirva de base para contribuir para futuras produções também no conceito *Queer*.

Partindo do apresentado nesta pesquisa e das necessidades apontadas pelo movimento LGBT, o olhar para o cinema de alcance global é um importante objeto de estudo para a leitura do que, de fato, se tem difundido sobre a população LGBT. Reconhecendo a grande circulação dos filmes de Hollywood e os ganhadores ou indicados em categorias do Academy Awards – Oscar, quatro filmes foram selecionados para que analisados em seu significado e implicações sociais externas sobre o reconhecimento das demandas e pautas dessa população.

Na análise dessas produções, os personagens protagonistas LGBT da ficção permitem inclusive o processo de legitimação do modo de vida de LGBTs que se reconhecem naquele personagem (mais ou menos estereotipado), e reforça socialmente que Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais sempre existiram e sempre existirão na dinâmica social, e que, portanto, também devem ser considerados e representados.

Desse modo esta pesquisa conclui que o processo do reconhecimento não é supérfluo. De fato as vitórias do movimento social LGBT aqui apresentadas em campos como a saúde e a

justiça significam que o protagonismo e o empenho contra hegemônico através das décadas rompe cada vez mais com as lógicas normativas e dominantes das relações de poder construídas nas configurações sociais de gênero e sexualidade.

Entretanto ainda é um grande objeto de estudo compreender que atores heterossexuais e cisgenero são os sujeitos que majoritariamente interpretam os personagens LGBTs das produções mais famosas (como aqui analisadas). Esse fato desencadeia dilemas de representação e alcance de identificação nas produções.

Os filmes aqui analisados são exemplos das narrativas trágicas que se encerram com a morte do personagem LGBT. Construção esta que é facilmente encontrada em diversos títulos de temática semelhante e que divide opiniões, como as que acreditam que estas difundem a ideia de erradicação da possibilidade de um LGBT prosperar na vida real, até as que acreditam nos dramas como possibilidades de sensibilizar a sociedade para uma desconstrução diante da experiência da dor.

Nessa pesquisa foi possível observar que o cinema tem possibilitado revisitar traumas do não reconhecimento de LGBTs que convidam a sociedade - e os sujeitos que a compõe - a refletir sua história de outra maneira. Caracteriza-se assim um movimento pela maior possibilidade de abordar a vivência LGBT com profundidade, sensibilidade e pela conquista de espaço para divulgação e comercialização dos produtos fílmicos ao redor do mundo.

O potencial que o cinema tem de fazer um resgate do passado LGBT é fundamental para a garantia do direito a memória para que as gerações presentes e futuras compreendam a trajetória das lutas de LGBTs e das ressignificações no campo da saúde que acompanharam o debate de gênero e sexualidade. De uma forma mais ou menos direta, deste modo, o cinema cumpre um papel pedagógico.

REFERÊNCIA:

ARÁN, M.; CORRÊA, M. V. Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 329–341, jul. 2004.

BARBO, D. Eros político - Revista de História. **Revista de História Da Biblioteca Nacional**, v. 119, Agosto 2015.

BESSA, K. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 257–283, jun. 2007.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 19 set. 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09 dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria De Atenção À Saúde Departamento De Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, **Relatório de violência homofóbica**, 2012 Disponível em <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>> Acesso em: 19 de Janeiro de 2016

BUTLER, J. **Desdiagnosticando o gênero**. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 95–126, 2009.

Conferência de Alma-Ata. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/conferencia-de-alma-ata>>. Acesso em: 5 maio. 2016.

FACCHINI, R. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 3, n. 4, p. p. 131–158, jun. 2009.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 105–115, abr. 2004.

FOUCAULT, M. **O Uso dos Prazeres - Vol. 2**. Relógio D’água, 1984. v. 1

G1, D.; PAULO, EM S. **Veja lista de países que já legalizaram o casamento gay**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/veja-lista-de-paises-que-ja-legalizaram-o-casamento-gay.html>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

GOMES, V. As leis da intolerância - Revista de História. **Revista de História Da Biblioteca Nacional**, v. 119, Agosto 2015.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no brasil: relatório 2014**. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

LAURENTI, R. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Revista de Saúde Pública**, v. 18, n. 5, p. 344–347, out. 1984.

LEKITSCH, S. **Cine arco-íris: 100 anos de cinema LGBT nas telas brasileiras**. São Paulo, SP: Edições GLS, 2011.

MARANGONI, G. Anos 1980, década perdida ou ganha? **Revista Desafios do Desenvolvimento - Ipea**, n. 72, 15 jun. 2012.

MELLO, L.; AVELAR, R. B. DE; MAROJA, D. Por onde andam as políticas públicas para a população LGBT no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 27, n. 2, p. 289–312, ago. 2012.

MENDES, I. A. C. DESENVOLVIMENTO E SAÚDE: a declaração de Alma-Ata e os movimentos posteriores. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 447–448, jun. 2004.

MILARÉ, J. **O que o castrismo significou para as LGBTs** *Esquerda Online*, 2016. Disponível em: <<http://esquerdaonline.com.br/2016/11/30/o-que-o-castrismo-significou-para-as-lgbts/>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

MOOT, L. Ainda a barbárie - Revista de História. **Revista de História Da Biblioteca Nacional**, v. 119, Agosto 2015.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 61, p. 115–132, jun. 2006.

PAIVA, C. H. A.; TEIXEIRA, L. A. Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 15–36, mar. 2014.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM. *Anais...* Abril 2009

SILVEIRA, F. **O Homossexual no Cinema - O Dilema da Representação** *Arquivo Café História*, de Agosto de 2011. Disponível em: <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/arquivo-cafe-historia-a-homossexualidade-no-cinema?xg_source=msg_mes_network>. Acesso em: 18 ago. 2016

VERAS, E.; PEDRO, J. Viver e lutar. **Revista de História Da Biblioteca Nacional**, v. 119, n. 1^a, p. 34 – 38, Agosto 2015. 1